

# **Materioteca ecológica brasileira no ensino de moda, arte e design têxteis**

## ***Ecological Brazilian raw material in fashion, art and design education***

Antonio Takao Kanamaru (Bacharelado Têxtil e Moda-USP)<sup>1</sup>

Ana Cláudia Farias (Pós-Graduação Têxtil e Moda-USP)<sup>2</sup>

Patrícia Iamamura<sup>3</sup>

### **Resumo**

Estudo sobre planejamento de materioteca ecológica brasileira para a documentação, exposição e manuseio de matérias-primas vegetais nativas, para uso como material didático no ensino de design têxtil e moda e em extensão cidadã.

**Palavras-chave:** materioteca ecológica; ensino da moda; design.

### **Abstract**

Study on planning and design of an ecological Brazilian raw material bank for documentation, display and handling of native plant raw materials for use as a teaching tool on textile and fashion design and citizen's extension.

**Keywords:** ecological raw material bank; design; fashion education

### **Introdução**

Estabelecemos como objetivo principal estudar e analisar o planejamento e os requisitos de projeto de materioteca ecológica de matérias-primas vegetais nativas, com vistas ao desenvolvimento do ensino da moda e arte e design têxteis na cultura brasileira. Neste artigo são apresentados os resultados analisados sobre o tema acima referido.

Metodologicamente consideramos a abordagem do design e o respectivo caráter interdisciplinar de criação e projeto voltados à qualidade de produtos, serviços e sistemas (vide *Materiais e Métodos*). Consideramos na

---

<sup>1</sup> Prof.-Dr; Bacharelado Têxtil e Moda. Orientador credenciado na linha de pesquisa em Projeto. PPGTM- EACH/USP. kanamaru@usp.br

<sup>2</sup> Mestranda - PPGTM-EACH/USP.

<sup>3</sup> Mestranda - PPGTM-EACH/USP.

análise o conceito museológico de “ecomuseu”, baseado na contextualização cultural e ecológica da coleção, compreendida como *patrimônio cultural*.

Como extensão de nossa hipótese, de uso da materioteca ecológica nativa como material didático indispensável, aventamos também a sua inerente função de instrumento conscientizador quanto à cultura e identidade brasileiras.

Como referência teórico-metodológica geral, consideramos as discussões de ensino de projeto e criação na especialidade, sobre o paradigma ecológico-sustentável em questão, principalmente a partir dos anos 1990 aos dias atuais.

Valorizamos a produção artesanal característica da tradição da cultura brasileira, com base teórica e axiológica relacionada à história do design brasileiro (Bo Bardi, 1980; Magalhães, 1997; Borges, 2012)

Publicamos os resultados de investigação e análise em edições imediatamente anteriores deste Colóquio Nacional de Moda (Kanamaru, 2010; Kanamaru & Araújo, 2011), de modo a conferir aos especialistas os resultados obtidos desde a etapa exploratório-descritiva e melhor fundamentar, referenciar e circunstanciar o presente estudo de aplicação qualificada dos resultados obtidos.

Como resultado geral apresentamos a noção de sistema de materioteca ecológica brasileira e a sua organização em rede, dada a riqueza material da flora brasileira em diversas categorias vegetais, destinado ao ensino do design de moda e arte e design têxteis.

## **Materiais e métodos**

A partir do levantamento do tema geral referente à hipótese da importância de fibras vegetais na arte e design têxteis na cultura brasileira, delimitamos mais precisamente nesta etapa de pesquisa – sob abordagem qualitativa - o problema metodológico dos processos de documentação, exposição e manuseio do conjunto das matérias-primas vegetais brasileiras para o ensino do design têxtil e moda e a respectiva extensão cidadã.

Resultados dessa pesquisa em etapa exploratório-descritiva sobre o tema foram publicados e a partir de conferências avançamos os trabalhos.

Na primeira etapa foram considerados os aspectos *teórico-conceituais* da abordagem do design nos campos têxtil e moda sobre as fibras vegetais como matéria-prima (Kanamaru, 2010). Tratamos a *metodologia* do design têxtil e moda em relação às fibras vegetais em termos ecológicos e culturais conforme a teoria do ecodesign e finalmente, na segunda etapa, levamos em conta a demonstração de dois *casos de aplicação* qualificada das fibras vegetais no contexto urbano e popular de São Paulo (Kanamaru & Araújo, 2011).

Nesta terceira etapa de pesquisa, consideramos os resultados relacionados ao problema da organização geral da informação crítica relacionada às fibras vegetais, na forma de estudo sobre materioteca ecológica universitária, como produto científico direto da pesquisa.

Subjazem, portanto, como síntese de nossas referências bibliográficas, os artigos publicados referidos e aqueles relacionados a esta etapa de investigação, particularmente noções e conceitos presentes na Declaração de Princípios Internacionais de Catalogação da *International Federation of Library Associations and Institutions-IFLA* (2011), bem como da *International Council of Museum-ICOM* (2011).

Mais precisamente, consideramos objetivamente o conceito de *ecomuseu* segundo a literatura existente, analisado primeiramente em abordagens francesas a partir de 1963 (Pereiro-Pérez, 2011) na qual contextualiza-se e se estrutura o serviço museológico diretamente na cultura e geografia locais.

Abordamos a questão a partir do design e nesse sentido fundamentamos a definição dessa especialidade com base em considerações presentes no *International Council of Societies of Design* (ICSID, 2011). Em termos bibliográficos partimos da fundamentação teórica com base na obra de Victor Papanek, *Imperative green* (1995); Yves Deforge, “Por um design ideológico” (1994) e finalmente, Manzini e Vezzoli, *O desenvolvimento de produtos sustentáveis* (2005); Lina Bo Bardi, *Tempos de grossura* (1980); Aloísio Magalhães, *E triunfo?* (1997)

Para a coleta e identificação consideramos principalmente fibras vegetais cujo uso é passível de demonstração e potencialmente enriquecedor para o ensino do design têxtil e moda. Já na documentação, procedemos à utilização da macrofotografia e os respectivos elementos da fotometria para o registro da matéria-prima. Além da documentação visual, elegemos como princípios gerais a coleta e o armazenamento de amostras do material e sua catalogação.

## **Resultados:**

### **1 – Definição e conceitos sobre a materioteca ecológica e a importância no ensino de design têxtil e moda**

Iniciamos o estudo e a análise sobre o tema a partir da definição do design, a abordagem proposta na pesquisa, de acordo com as considerações gerais do *International Council of Societies of Design* (ICSID), relacionado à UNESCO.

Segundo a qual o design

“(…) é uma atividade criativa cuja finalidade é estabelecer as qualidades multifacetadas de objetos, processos, serviços e seus sistemas em ciclos de vida inteiros. Portanto, o design é o fator central da humanização inovadora

de tecnologias e o fator crucial de intercâmbio cultural e econômico”. (Ibid., 2012)

### Para a mesma entidade, como objetivo, o design

“(…) busca descobrir e avaliar estruturas, organizações, relações funcionais, expressivas e econômicas, com a tarefa de: melhorar a sustentabilidade global e a proteção ambiental (ética global); conceder benefícios e liberdade para toda a comunidade humana, individual e coletiva, para usuários finais, produtores e protagonistas de mercado (ética social); apoiar a diversidade cultural apesar da globalização do mundo (ética cultural), gerando produtos, serviços e sistemas, cujas formas sejam expressivas (semiologia) e coerentes (esteticamente) com sua própria complexidade”. (Ibid., 2012)

De caráter interdisciplinar, em última análise, o design tem como objetivo valorizar a própria vida.

Nesta definição mais sensível à era contemporânea, diferentemente do imperativo industrial bruto da primeira metade do século XX, o ICSID reforça o caráter humano, social e cultural, além do econômico.

Na definição está presente também o conceito de “ciclos de vidas inteiros” junto também com o objetivo de “melhorar a sustentabilidade global e a proteção ambiental”, próprio da ecologia, o que auxilia a refletir a partir da própria missão do design a proposta de ferramentas para a concepção, planejamento e projeto de produtos, serviços e sistemas.

Na proposta considerada na pesquisa, a de materioteca, procuramos refletir também o seu significado e conceito geral baseado de forma mais adequada às teorias ecológicas implícita ou explicitamente sociais do design (Deforge, 1994; Papanek, 1995; Manzini & Vezzoli, 2005; Vezzoli, 2008; Bonsiepe, 2011).

Um dos requisitos fundamentais do design, em uma abordagem consciente sobre a natureza interdisciplinar do design, reside no conhecimento, estudo e pesquisa dos materiais.

Porém, distanciado do problema da fragmentação do conhecimento e o desafio de sua superação no campo educacional (Morin, 2001).

Uma experiência já obtida nessa especialidade documentada na literatura repousa no conceito de ecomuseu, perspectiva originalmente da pesquisa francesa, na qual se coleta, documenta, registra e inventaria a cultura material no contexto cultural e ecológico da comunidade na qual se encontra. Nessa perspectiva supera-se a noção burocrática de objeto para a de patrimônio cultural (Pereiro-Pérez, 2011).

Consequências teórico-metodológicas dessa abordagem sobre o conteúdo da materioteca ecológica, como fibras, sementes, madeiras, corantes, dizem respeito à *contextualização humana, cultural e ecológica* desses vegetais então passíveis de uso e produção como matérias-primas no ensino da criação e projeto.

Nesse aspecto faz-se necessária a contextualização da materioteca ecológica quanto à localização da vegetação nativa como a amazônica, mata atlântica, mata dos cocais, mata dos pinhais, caatinga, cerrado, pantanal, campos, litorânea etc., nas regiões brasileiras.

Nessa etapa da análise, podemos pressupor a organização de materiotecas em rede. Se por um lado impede o manuseio físico da matéria-

prima, por outro lado torna viável o acesso remoto e a compreensão da vegetação local.

Já o acesso físico local, isto é, em termos presenciais, pelo usuário, possibilita o manuseio de produtos da espécie, sobretudo no processo criativo e didático de produção e desenvolvimento.

Assim, em termos pedagógicos, viabiliza-se desenvolver coletivamente uma aprendizagem crítica e conscientizadora (Freire, 1996) a partir do contato e estudo de matéria-prima vegetal a partir do conhecimento direto e vivo de espécies nativas e respectiva riqueza de seus produtos em processo de criação no ensino.

## **2 – Organização didática de matérias-primas vegetais**

Nesta etapa de análise consideramos a importância da apresentação inicialmente apenas de fibras vegetais para fins de aplicações em design têxtil e moda. Porém, a coleta e análise conduziram-nos a refletir sobre a importância de sementes, madeira e também corantes.

Uma das primeiras considerações reside na importância do conceito de moda não-restrito ao segmento vestuário, visto que se trata de uma noção simplificadora e reducionista de razões mercadológicas e midiáticas. Criticamente pode-se e deve-se refletir sobre aplicações conexas por exemplo, sementes em peças de design de acessórios, madeiras em componentes e estruturas em design de interiores arquitetônicos (“decoração”) e também no próprio campo do beneficiamento têxtil, o tingimento por meio de corantes vegetais.

Logo, uma organização articulada quanto à matéria-prima vegetal, sua espécie de origem, localidade, características etc, pode abranger de forma indispensável categorias como fibras vegetais, sementes, madeiras e corantes e informações relacionadas ao contexto e características de uso e aplicações.

### **2.1. Fibras vegetais**

Trata-se de uma organização particular de um subgrupo maior, visto que as fibras são classificadas em duas grandes separações básicas, entre fibras naturais e não-naturais.

Entre as fibras naturais podemos observar aquelas de origem animal, vegetal e mineral. Já as fibras não-naturais subdividem-se em artificiais e sintéticas.

Desse complexo mundo das fibras naturais, focamo-nos apenas nas vegetais. No entanto, um simples levantamento das principais fibras vegetais utilizadas no campo do design têxtil e moda, cuja aplicação já consta na

literatura da área, podemos listar tipos como abacá, algodão, cânhamo, coco, formio, juta, linho, rami, sisal. (UNESCO, 2010).

Na área comercial podemos observar a presença do alginato, bananeira, bambu, caroá, kenaf, látex, malva. Entre a produção artesanal, inclui-se ainda a tradição do uso da imbirá, junco, palha de milho, ráfia, taboa, taquara, vime. Nesse aspecto, consideramos a fundamental importância da contextualização cultural popular relacionada à identidade e à ideia de nação. (Lina Bo Bardi, 1980; Magalhães, 1997)

Embora não pertença ao grupo de fibras vegetais, mas animais, incluímos a seda, devido à ligação direta da alimentação vegetal de lagartas.

## 2.2. Sementes

Nesta categoria podemos considerar como referência mais importante quanto ao projeto de grande escala de coleção, o *Svalbard International Seed Vault*, projeto de 2007 (ScienceDaily, 2012).

Como matéria-prima podemos observar grande possibilidade de aplicações devido à vasta quantidade de espécies já documentadas e experimentadas na produção artesanal.

Somente na vegetação do cerrado, podemos analisar sementes como acácia, açai, arnica, babaçu, bacaba, buriti, bacaba, baru, buritirama, carana, catuaba, café beirão, cafezinho miritibá, castanha-da-índia, carambola, capim pinex, carrapicho, coquinho, coco do cerrado, coquinho, cipó do cerrado, coco uricurí, fava (faveira), feijão maravilha, feijão de moagem flamboyant, fava, buriti, guerobinha, jacarandá, jacarandá, jarina, jatobá, jericó, jervá, lágrima de Santa Bárbara, guburuvu, mutamba, mamona-dos-Cerrados, molundum, mucuna, murici, molundum, olho-de-boi, olho-de-sapo, pinha brava, sibipiruna, tinguí, vagem-de-favela, pente de macaco, pinha brava, papola, pachuba, melancia, olho de boi, piraneira, pinta de macaco, mucunã, mutamba, pião bravo, pião roxo do Cerrado, prego de gato, olho de pomba, pataua, pau-terra, paxiubao, olho de cabra, palmeira imperial, patuá, pau-brasil, sapinho, seringueira, saboneteira, sucupira, tamarino, unha-de-gato, uxi coroa, uxizinho, vagem-de-favela etc. (Emater-DF, 2012)

Essa categoria de sementes além da própria aplicação como matéria-prima, permite em infográficos indicar a gênese e o processo de desenvolvimento da espécie, de modo que o observador possa ter em mente os ciclos naturais envolvidos.

Incluem-se características físicas principalmente quanto à sua volumetria, peso, atributos cromáticos e texturas.

Junto com todos esses aspectos, a possibilidade de estudo e plantio também permite conduzir o usuário da consulta ao contato com a terra, atividade esta rara em grandes metrópoles.

### 2.3. Madeiras

No Brasil observamos principalmente coníferas de clima temperado, sendo cinco as principais espécies, como *pinus*, carvalho (*quercus*), *picea*, *abies* e *betula*. Em grande quantidade, mas exóticas, observamos também *pinus* e *eucalyptus*. (Lentini, 2012)

O pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) da Mata Atlântica adquire grande valor simbólico devido ao próprio nome do País.

Em grande quantidade também, podemos observar florestas de estuário como virola ou ucuúba de várzea (*Virola surinamensis*) e andiroba (*Carapa guianensis*). (Ibid., 2012)

O controle e a prevenção de esgotamento da terra e a extinção de espécies, desenvolve-se por meio do Sistema de Contingenciamento de Madeira (SCM), principalmente quanto ao mogno, araucária e embuia (Ibid., 2012)

A riqueza da madeira nativa brasileira pode ser observada em mais de 350 espécies amazônicas como mogno (*Swietenia macrophylla*), ipê (*Tabebuia sp.*), cedro (*Cedrela odorata*), freijó (*Cordia sp.*), cerejeira (*Torresia sp.*), cumaru (*Dypterix sp.*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), louro, virola, cerejeira, mogno, coníferas, peroba, angico, cabreúva, pau-marfim etc. (Ibid., 2012)

Podemos ainda observar espécies como cupiúba (*Goupia glabra*), cedrinho (*Erismia sp.*), garapeira (*Apuleia sp.*) e cambará (*Qualea sp.*). (Ibid., 2012)

Finalmente, vemos também acaju, raribá, bicuíba, cacunda, canela, cedro, cerejeira, copaíba, grama, grapiunha, graubu, grumarim, guaiaco, gurarema, gurubu (rochina), imbirá, jacaranda, jataí, louro, pau-brasil, pau-ferro, peroba vermelha, peroba, pimento, piquiá, rochina (gurubu), sapucaíba, sucucupira, tapinhoã, tatajuba, vinhático, óleo pardo, óleo vermelho etc. (Ibid., 2012)

Desde os anos 70, houve o processo de uso de madeira processada. Assim, também incluímos esse tipo de material, visto que se caracteriza em muitos aspectos pelo reúso de resíduos de madeira, descartes, serragens, cavacos etc.

### 2.4. Corantes

E finalmente, consideramos na coleta e análise a categoria de corantes, ligados ao processo de beneficiamento a partir de elementos e recursos obtidos diretamente de flores, raízes, cascas, cavacos e serragens de troncos da própria espécie vegetal.

Alguns tipos de corantes já testados podem ser arrolados nos estudos,

como abacateiro, acácia, açafraão, anil, barba de candeia, barbatimão, beterraba, café, cajueiro, caqui, carqueja, cebola, cedro, erva-de-passarinho, erva-mate, espinafre, eucalipto, imbuia, índigo, ipê, jabuticaba, labarça ou língua-de-vaca, língua-de-vaca ou labarça, mancha-vermelha, pau-brasil, pau-campeche, pereira, picão, pinheiro-do-paraná, pinus, quaresminha, Sandra d'água, taiuva, urucum etc (Lopes, 1998). Todos passíveis de obtenção na vegetação brasileira.

Embora não pertencente à categoria vegetal, o corante a partir da cochonilha também é listado neste trabalho dada a relação direta desse organismo com vegetais existentes.

### **3 – Materioteca ecológica: requisitos de planejamento e projeto**

O estudo do programa relacionado a uma materioteca ecológica, além do pressuposto fundamental da coerência ao contexto ecológico e cultural, necessita adaptação ao *partido arquitetônico* existente.

Diante da impossibilidade de instalação de *mobiliário planejado*, requer-se uma *solução de compromisso* (Iida, 1990) em projeto, como a instalação por meio de sistema de prateleiras na forma de armários a configurar item e/ou sistema de mobiliário especializado.

A superação do problema do dilema entre sistemas de mobiliário planejado e sistemas de mobiliário de itens independentes pode ser efetuada com a utilização da padronização modular de componentes, o que permite flexibilidade de usos, instalações e transportes.

Necessita ser refletido a materioteca ergonomicamente quanto ao fator antropométrico, particularmente quanto a requisitos como alcances visuais e manuais (Grandjean, 1988; Iida, 1990), devido ao manuseio de dados e amostras, bem como o fácil e simples deslocamento do produto por meio de rodízios, na dinâmica moderna de ateliê em ensino do design e arte.

Requer-se também o planejamento da identidade e comunicação visuais para a exposição e inventário das fibras vegetais no sistema de mobiliário e, eventualmente, a instalação de equipamentos e de dispositivos de climatização para a preservação desse *patrimônio cultural* (Pereiro-Pérez, 2011) e de luminotécnica, para melhor visualização e alcances.

Cada tipo de categoria vegetal então pode ser disposto módulos de simples e fácil manuseio e visualização, com ficha técnica informativa segundo normas e recomendações técnicas fundamentais.

### **Análise e discussão**

Uma vez coletados e analisados os dados que compõem os resultados desta pesquisa, consideramos o conceito teórico fundamental de *ecomuseu* que conduz a refletir diretamente sobre a necessidade da

contextualização cultural e ecológica das coleções de matérias-primas provenientes de espécies nativas brasileiras.

Como consequência direta sobre a hipótese da materioteca, refletimos sobre a necessidade da organização articulada de coleções – rede de materiotecas, perfazendo um sistema - nos locais de manifestação dessas espécies listadas, agrupadas em tipos de vegetação e relacionadas à cultura local.

Ao mesmo tempo, verificamos que o manuseio de amostras para visualização científica e para processos criativos exige a organização de coleções físicas e não somente aquelas baseadas em imagens, fichas técnico-tecnológicas e infográficos. Faz-se necessário em processo de ensino criador, o uso principalmente da amostra física do produto (semente, corante, fibra vegetal, madeira, cascas, flores, frutos), para manuseio, visualização e experiência tátil-visual.

Coleções vegetais articuladas em sementes (e, eventualmente, frutos secos), fibras, madeira e corantes, constituem itens de demonstração não só da riqueza intrínseca da espécie vegetal, mas também das suas possibilidades de aplicação existentes ou que venham a surgir.

O acesso e o estudo de produtos de origem vegetal podem ser realizados remotamente, pois em um primeiro momento fisicamente não possam ser manuseados. No entanto, a informação existente quanto às características desses produtos torna possível uma primeira aplicação de suas matérias-primas.

Parques verdes e reservas ambientais constituem-se em localidades precisas para a organização e o planejamento do sistema de materiotecas, abastecido com conhecimentos novos à medida que novos resultados de pesquisas e colaborações surjam.

### **Considerações finais**

Com base nos dados analisados procuramos sustentar nossa hipótese sobre a materioteca ecológica, para a valorização, socialização e uso de matérias-primas vegetais nativas, no ensino do design de moda e de arte e design têxteis. Ao mesmo tempo, procuramos levantar requisitos de planejamento e aspectos de projeto, de modo a garantir uma organização e uma noção construtiva viáveis em termos de um sistema ou rede de materiotecas ecológicas, para fins de estudo específico das mesmas, de acordo com as suas características e localidades nativas, a ser utilizado como recurso didático especializado e dotado de informação e amostras culturalmente contextualizadas em termos ecológicos e culturalmente conscientizadoras em processos de ensino de moda e de arte e design têxteis. Enfim, um meio para abordar matérias-primas vegetais nativas brasileiras também como sofisticados e altamente complexos *patrimônios culturais da Humanidade* utilizados historicamente de forma solidária no artesanato popular no Brasil.

## Referências bibliográficas

BARDI, Lina Bo. Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M.Bardi, 1980.

BORGES, Adélia. Design + artesanato: o caminho brasileiro. Curitiba: SENAC, 2012.

BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. Florianópolis: Blücher, 2011.

DEFORGE, Y. "Por um design ideológico"; In: Estudos em design. Rio de Janeiro: AEnD, 1994. p.15-22. v.1.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GRANDJEAN, Etienne. Manual de ergonomia. 4ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

IIDA, Itiro. Ergonomia. Projeto e produção. 2 reimpr. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.

KANAMARU, A. T.; SANCHES, R.A. . Introdução ao projeto têxtil e moda. In: Anais do 5o. Colóquio Nacional de Moda., 2009, Recife: FBV, 2009. v. 1. p. 1-8.

KANAMARU, A.T. Função didática-pedagógica do design de moda baseado em fibra têxtil vegetal diante da fome global In: Anais do 6o.Colóquio Nacional de Moda. São Paulo: Anhembi-Morumbi, 2010.

KANAMARU, A.T.; ARAÚJO, J. Aplicação criadora de fibras vegetais no campo do design e moda por artistas populares. In: Anais do 7o.Colóquio Nacional de Moda. Maringá: Cesumar, 2011.

LOPES, Eber Lopes. Corantes naturais da flora brasileira. Curitiba: Optagraf, 1998.

MAGALHÃES, Aloísio. E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. O desenvolvimento de produtos sustentáveis. Os requisitos ambientais de produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2005.

MORIN, Edgard. *A religação dos saberes*. O desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

----- Os sete saberes necessários à educação do futuro. 3ed. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2001.

PAPANEK, Victor. *The green imperative. Ecology and ethics in design and architecture*. Londres: Thames and Hudson, 1995.

VEZZOLI, Carlo. Cenário de design para moda sustentável. In: PIRES, Baduy Dorotéia (org), Design de moda: olhares diversos. São Paulo: Estação das letras, 2008.

### **Endereços eletrônicos**

*Agricultural Noah's Ark: Doomsday Seed Vault in Arctic to outlast major sea level rise and permafrost warming.* Disponível em <http://www.sciencedaily.com/releases/2007/02/070209074207.htm> Acesso em 06 de abril de 2012.

EMATER-DF. Agroinforme. Pesquisa de mercado. Disponível em <http://www.emater.df.gov.br/sites/200/229/00001396.pdf> Acesso em 15 de maio de 2012.

ICOM. Disponível em <http://icom.museum/> Acesso em 12 de fevereiro de 2011.

ICSID. Definition. Disponível em <http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm>. Acesso em 10/05/2011.

IFLA. Declaração dos princípios internacionais de catalogação. Disponível em [http://archive.ifla.org/VII/s13/icp/ICP-2009\\_pt.pdf](http://archive.ifla.org/VII/s13/icp/ICP-2009_pt.pdf) Acesso em 01 de maio de 2011.

IFLA. Disponível em <http://www.ifla.org/> Acesso em 05 de maio de 2011.

LENTINI, Marco. Indústria madeireira. Disponível em <http://empresasefinancas.hsw.uol.com.br/industria-da-madeira2.htm> Acesso em 02 de fevereiro de 2012.

PEREIRO-PÉREZ, Xerard. Do museu ao ecomuseu: os novos usos do património cultural. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecomuseu> Acesso em 13 de abril de 2011.

UNESCO. *Quince fibres natures*. In: *Año Internacional de lãs Fibras Vegetais 2009*. Disponível em <http://www.naturalfibres2009.org/es/index.html> Acesso em 14/05/2010.